**Rogoff - Development as Transformation of Participation in Cultural Activities**

**Anotação**: O exemplo trazido no livro sobre a perca de sentido do contexto através da imagem é extremamente poderoso, é particularmente interessante como a autora ilustra que diferentes recortes de pesquisa podem ser feitos sem “apagar” o restante que compõe o fenômeno a ser estudado. Os outros aspectos existem e não devem ser considerados de forma genérica. De fato, outros tipos de representação não mostram essa complexidade implícita, parece que as relações se dão em díades absolutas. Tem coisas que a comunicação através da imagem passa sem as palavras necessariamente dizerem, se infere coisas que podem não ser do interesse do autor. A percepção da Rogoff em entender que a imagem gera no leitor sensações discretas e profundamente importantes é muito perspicaz. Muitas vezes o pesquisador se perde na comunicação na sua tentativa de comunicação.

**Anotação 2:** Achei profundamente impactante o exemplo “*We always speak only of what we see*”. A insistência do pesquisador deixa muito evidente que ele não era capaz de entender que o silogismo dele era inerentemente cultural e era incompatível com a cultura que ele estava estudando. Mais uma prova de o quão questionáveis são esses testes de inteligência. A inteligência se demonstrar no contexto se relaciona perfeitamente com o texto de Paulo Freire e com o corpo teórico que levantamos até agora.

**Anotação 3:** Apesar do esquema de Whiting e Whiting ser muito rico, duvido que seja possível listar todas as coisas que *influenciam* (criticado pela autora depois) uma pessoa. A sociedade é infinitamente complexa e particular, esse esquema pode não valer para certos lugares. Eu acredito, por exemplo, que a expectativa de vida também poderia ser incluída no esquema e devem ter outros fatores que outras pessoas conseguiriam levantar. Outro problema é o que a própria Rogoff mencionou, das setas unidirecionais (mesmo se fossem bidericionais ainda seria uma visão imcompleta do todo).

**Questão 1:** Se substituirmos os esquemas que trazem a ideia de influência de uma coisa sobre a outra, tem como transpor a ideia de diferentes níveis de interação social? É bastante difícil se quer escrever sobre as esferas sociais sem a ideia de impactar, influenciar, afetar. Diferentes esferas sociais não impactam diferentemente o indivíduo? Isso já implica uma visão de setas, certo? Como isso pode ser contornado? Então se entendermos que o ambiente, a cultura e o indivíduo formam-se entre si, existem somente em relação ao outro, o efeito das diferentes esferas da sociedade trazido por Bronfenbrenner, ainda faria sentido? Eu queria debater isso em aula.

**Paulo Freire - Não há docência sem discência**

**Questão 1:** Deve estar presente no restante da obra de Paulo Freire, mas a palavra boniteza aparece muito. Fiquei na dúvida sobre o significado que essa palavra carrega durante o texto. Não parece ser somente uma questão de beleza, é um termo irônico para fazer algo parecer bonito? Não parece ser só isso também. O que belo significa para o Paulo Freire?

**Anotação:** Aqui novamente vemos a ideia de que as coisas não se dão numa relação unilateral e, essencialmente, uma sequer existe sem estar em relação a outra. É uma formação mútua entre o educador e o educado, a ponto que talvez nomes desse tipo não tenham sentido. Acho inclusive interessante como, por conta da cultura, temos imensa dificuldade em pensar nas questões sociais sem díades hierárquicas. Envolve grande esforço mudar a dinâmica dentro da nossa interpretação da realidade, dificuldade que provavelmente não existe para alguns povos. As leituras até agora parecem revolucionárias para nós, mas definitivamente não são para o mundo como um todo. Espero conseguir escapar da linha de pensamento hierárquica e que se foca nas coisas, como se só houvessem duas por vez, enquanto reflito e pesquiso.

**Anotação 2:** De toda forma este é o texto mais político da disciplina juntamente com o da primeira aula. Acho isso prazeroso e admirável de se ver. Depois de todos os textos que lemos até agora, fico cada vez mais incomodada com os reflexos dos pensamentos antiquados sobre a cognição, o desenvolvimento e o ensino na sociedade. Questões de dominação social se imprimem nesses contextos onde se põe tudo como uma análise fria e racional. Gosto como no final do texto ele ressalta essa questão emocional no aprendizado, no respeito do contexto. Eu já sabia anteriormente que o Paulo Freire era a pessoa que dizia que a melhor forma de ensinar era relacionando o conhecimento com a realidade da pessoa e que ele se focava no ensino das classes trabalhadoras. Concordo que a realidade social jamais pode ser apagada da forma que uma pessoa aprende. No relato pessoal que ele faz, esse conflito de classes já era evidente para ele mesmo na adolescência.

**Anotação 3:** A pergunta de onde os lixões ficam é ótima. É questionadora e toda a educação deveria ser feita nesses moldes que fazer as pessoas perceberem problemas sociais em coisas nunca questionadas antes. Gosto também de como ele comenta do espaço físico impactando a educação, não é só uma questão de recurso, é também uma questão de evidência de descaso e isto torna a relação dos alunos com a escola algo da mesma natureza.